

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

O espaço urbano como articulador de fragmentos de arquitetura

Breier, Ana Cláudia Böer

Arquiteta e Urbanista, graduada pela UFSM. Mestre pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura – PROPAR /UFRGS. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Endereço: Rua Bento Gonçalves, 23. Bairro Nossa Senhora das Dores. CEP: 97050-090 Santa Maria – RS,
fones: (55) 3222-2813 e (55) 9116-8565 e-mail: anabreier@gmail.com.

O espaço urbano como articulador de fragmentos de arquitetura

O espaço urbano da cidade de Santa Maria, RS, é composto por diversos fragmentos de arquiteturas de um passado recente, que se interligam através de ruas, praças e avenidas. É na área central que se pode encontrar um número maior destes exemplares, apesar de ser também ali, que se encontram cada vez mais descaracterizados, quando ainda se encontram. Convivem em um mesmo espaço urbano, edifícios de épocas diferentes e com tratamentos diferentes. Em uma mesma praça, pode-se ver o antigo teatro municipal, buscando uma valorização após sua suposta requalificação, enquanto o cinema, ao seu lado, sofre com o desprestígio, podendo ser descaracterizado justamente por quem deveria protegê-lo (a prefeitura municipal possui um projeto em que além de alterar sua feição, pretende alterar a sua função). Não muito longe dali, ainda há esperanças para o centro da cidade, pois alguns edifícios conseguem sobreviver à ação de "vândalos". O antigo Banco Nacional do Comércio, projeto do arquiteto alemão Theo Wiedersphan, atual Caixa Econômica Federal, com feições ecléticas, sobreviveu a onda de contemporaneidade. Mas a própria praça, que interliga estas arquiteturas, é alvo das vontades da administração pública, sendo diversas vezes "reformada", conforme a necessidade de votos para a próxima eleição. Além das principais ruas e avenidas, como a Rua do Acampamento e a Avenida Rio Branco, participantes da evolução urbana do município, que ainda preservam exemplares de arquitetura eclética e *art déco*. O objetivo deste artigo é de investigar como o espaço urbano consegue articular arquiteturas diferentes, sendo ele mesmo, um reflexo das vontades políticas da contemporaneidade.

PALAVRAS CHAVE: arquitetura, espaço urbano.

The urban space as articulador of architecture fragments

The urban space of Santa Maria's city, RS, is composed by several from the central area that one can find a larger number of these copies, in spite of being also there, that meet they each time more deprived of characteristics, when they still meet. They live together in a same urban space, buildings of different times and with different treatments. In a same square, it can see the old municipal theater, looking for a valorization after its supposed requalificacion, while the cinema, to its side, suffers with the disrepute, being able to be deprived of characteristics exactly by who would have to protect it (the prefecture possesses a project in that besides altering your feature, it intends to alter your function). Not very far away from there, there are still hopes to the downtown, because some buildings get to survive the action of " vandals ". The old Banco Nacional do Comércio, the german architect Theo Wiedersphan's project, current Caixa Econômica Federal, with eclectic features, survived the contemporary wave. But the own square, that establish connection these architectures, it is objetive of the wills of the public administration, being several times " reformed ", according to the need of votes for the next election. Besides the main streets and avenues, as the Acampamento Street and the Avenue Rio Branco, participants of the urban evolution of the municipal district, that still preserve copies of eclectic architecture and *art déco*. The objective of this article is of investigating as the urban space it gets to articulate different architectures, being itself, a reflex of the political wills of the contemporary.

WORDS KEY: architecture, urban space.

O ESPAÇO URBANO COMO ARTICULADOR DE FRAGMENTOS DE ARQUITETURA

A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS CENTRAIS

Os espaços públicos centrais acompanham a evolução das cidades ao longo da história, pois é no centro urbano que se encontra a maior capacidade de representação da própria cidade, uma espécie de síntese da imagem local. Seria como afirmar que a idéia de cidade e de centro estão sempre relacionadas.

As funções básicas dos centros urbanos podem ser resumidas em duas: a função de integração, no nível funcional e social; e a função simbólica, no nível imagético e lúdico. Ou seja, além de representar a cidade, é no centro que ocorrem as relações de convívio entre a cidade e seus habitantes¹.

Se as cidades somente são cidades graças aos seus centros urbanos, isto quer dizer que o núcleo central é o local de maior significado simbólico dentro do perímetro urbano. Os usos que acontecem neste espaço ratificam os seus significados. Além do seu valor imagético, os centros localizam-se geralmente no ponto médio, ou seja, equidistantes dos limites da cidade. Então, são lugares com melhor acessibilidade, em que as ruas mais importantes conduzem até este ponto. A combinação destes fatores torna escassas as áreas livres nas áreas centrais, públicas ou privadas, além de fazer com que seja um dos espaços mais valorizados da cidade.

As praças centrais são bons exemplos de espaços públicos que ilustram a dinâmica de crescimento e desenvolvimento urbano. Para Bartalini², foi a necessidade de um espaço central, que abrigasse determinados usos, relacionadas ao funcionamento das cidades, que ocasionou o surgimento das praças. As praças centralizaram as atividades, tornando-se local para abrigar o comércio e “para a tomada de decisões coletivas; de endereço para os encontros, para as festividades; de um símbolo para a comunidade, enfim, de um “centro” facilmente acessível para a realização das mais variadas funções.”³

Ao longo dos anos, a importância do centro urbano para as cidades fez com que, praticamente, todas as cidades de porte, passassem por planos e projetos de renovação de seus antigos centros ou de áreas classificadas de “deterioradas”. Algumas vezes não se trata apenas de renovar áreas estagnadas, mas por serem áreas de grande concentração populacional, visíveis à maioria dos cidadãos, são preferidas pelos políticos para a publicidade da sua gestão. Esses muitas vezes realizam obras tidas como eleitoreiras, ou seja, desnecessárias e com alto custo para os cofres públicos apenas para angariar votos. Santa Maria encaixa-se neste grupo de

¹ OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 05.

² BARTALINI, Vladimir. **Praça: a forma mais que difícil**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc086/arc086_00.asp>. Acesso em: 20 de julho de 2007.

³ BARTALINI, Vladimir. **Praça: a forma mais que difícil**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc086/arc086_00.asp>. Acesso em: 20 de julho de 2007.

idades com uma periodicidade alta de remodelação das áreas centrais, em que muitas vezes a qualidade da obra e do projeto ficam a desejar.

Se imaginarmos a área urbana, a Praça Saldanha Marinho, como uma grande colagem, em que a praça faz a ligação entre os fragmentos de distintas épocas, teremos situações ricas e complexas, cheias de contrariedades: ruas que surgem, ruas que desaparecem, fragmentos que se sobrepõem, novos edifícios, novas tecnologias, memória que permanece e que é substituída e até mesmo esquecida. Hassenpluf considera que apesar desta dinâmica de remodelações e renovações, com alterações de aparências e funções, “a sua aura permaneceu e reaparece até hoje em diferentes expressões culturais da centralidade urbana.”⁴ Mas com tantas alterações de usos e formas, em tão curto espaço de tempo, será que a praça central de Santa Maria consegue manter a sua aura?

ELEMENTO DE ESTUDO – PRAÇA SALDANHA MARINHO

O espaço urbano da cidade de Santa Maria, RS, é composto por diversos fragmentos de arquiteturas de um passado recente, que se interligam através de ruas, praças e avenidas. É na área central, como na Praça Saldanha Marinho, que se pode encontrar um número maior destes exemplares, apesar de ser também ali, que se encontram cada vez mais descaracterizados, quando ainda encontram-se. Convivem em um mesmo espaço urbano, edifícios de épocas diferentes e com tratamentos diferentes.

O elemento que será utilizado para a análise da articulação dos fragmentos, será a Praça Saldanha Marinho. A escolha por este espaço deve-se ao fato de estar localizado na área central da cidade e fazer parte da história do município, pois é a mais antiga praça da cidade. Devido a isto, esta praça acompanhou a evolução urbana de Santa Maria, os deslocamentos dos eixos de interesse econômico, a verticalização da área central, a renovação urbana, bem como a mudança dos costumes da população.

A Praça Saldanha Marinho passou por diversas modificações estéticas e morfológicas ao longo da sua história. Entretanto, as transformações ocorridas na praça não ficaram somente no nível morfológico-estético, ocorrendo diversas mudanças também no seu uso. A praça já foi espaço cívico, espaço sagrado, espaço profano, espaço para as relações sociais e culturais e também espaço comercial e de serviços. Atualmente, a praça encontra-se desvinculada de suas funções primitivas, em que seus símbolos perderam força ou simplesmente deixaram de existir, servindo como uma grande área de circulação. Segundo RODRIGUES⁵, é sempre o uso que confere significado ao objeto, ou seja, a falta de uso faz com que a praça não participe mais do imaginário

⁴ HASSENPLUG, Dieter. **Sobre centralidade urbana.** Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_00.asp>. Acesso em: 20 de julho de 2007.

⁵ RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Forma, imagem e significado em estruturas urbanas centrais.** São Paulo: Pró Editores Associados, 2005, p. 31.

da população santa-mariense. Hoje em dia, a Praça Saldanha Marinho possui seu valor simbólico enfraquecido.

As principais mudanças ocorridas na praça podem ser agrupadas em quatro períodos distintos. O primeiro período trata sobre o seu surgimento, por volta do final do século XVIII, quando é levantada uma pequena capela, na face norte da atual praça. Neste período, a praça é utilizada para as práticas religiosas e sociais da comunidade, visto que a igreja era o local com poder agregador da sociedade. Segundo Daut⁶, em 1858 a praça não passava de um local com grande acúmulo de barro, em que até mesmo o gado da vizinha pastava livremente. “era cheia de barrancos de terra vermelha, cobertas de macega de capim, e o gado leiteiro da vizinha pastava ali livremente.”



Figura 1: Primeira igreja construída em Santa Maria, em 1804. A capela existiu onde hoje se encontra o canteiro central da Avenida Rio Branco, junto a Praça Saldanha Marinho. Demolida em 1888 e o material de demolição foi utilizado para a construção do Theatro Treze de Maio. FONTE: BLAYA PEREZ, Carlos. **Santa Maria em preto e branco**. Santa Maria: UFSM, 1999, p. 29.

A segunda fase importante é quando ocorrem alterações e diversificações dos usos da praça. A primeira mudança acontece quando a praça altera a sua vocação, deixando de ser ponto para as práticas religiosas para tornar-se um local de vivência do profano. Isto se dá quase cem anos depois do seu surgimento, quando a igreja católica desloca-se para a construção da nova sede, próxima dali, na Avenida Rio Branco, onde permanece até os dias de hoje, como Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição. O deslocamento da igreja permitiu a duplicação da avenida, eixo de ligação da área central com a estação ferroviária (importante agente no crescimento econômico-urbano do município). O uso profano surge com a inauguração do Theatro Treze de Maio, na face leste da praça, em 1890. Tal função foi reforçada em 1922, com a inauguração do Cinema Independência, ao lado do teatro.

⁶ DAUT, João. **Memórias**. Rio de Janeiro: 3ª edição, 1949 *apud* RECHIA, Aristilda. **Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural**. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.



Figura 2: Face oeste da Praça Saldanha Marinho quando seu largo recebia calçamento. FONTE: MARCHIORI, Jose Newton Cardoso. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem.** Santa Maria: UFSM, 1997, p. 94.

Com o passar dos anos, a praça ganha uma diversificação de funções. Além do uso social, a praça passa a atuar com a integração de serviços. Neste período são inauguradas duas agências bancárias – o Banco Pelotense e o Banco Nacional de Comércio, duas entidades recreativas - a Sociedade dos Caixeiros Viajantes e o Clube Caixeiral – e posteriormente, na década de 1940, o Fórum instala-se no local. Com exceção dos edifícios do Fórum e do Banco Pelotense, os projetos das demais edificações são atribuídas ao arquiteto alemão Theo Wiedersphan.

Também foi durante este período que a praça recebeu o seu primeiro traçado, tendo a sua inauguração oficial datada de janeiro de 1907, quando passa a chamar-se Praça Saldanha Marinho. Pelas fotografias da época é possível observar que o desenho utilizado para a praça não fazia uma relação com o seu entorno, não destacando ou enfatizando as edificações de uso público. Este esquema fazia uma relação linear com a Avenida Rio Branco, acompanhando o alinhamento desta. Em menos de quinze anos a praça passa pela sua primeira remodelação. Na década de 1920 seu traçado é alterado pelo Intendente Ernesto Marques da Rocha, recebendo um coreto (demolido posteriormente), mas mantendo o alinhamento com o canteiro da Avenida Rio Branco.



Figura 3: Praça Saldanha Marinho, em 1907, ano da sua inauguração oficial. FONTE: BLAYA PEREZ, Carlos. **Santa Maria em preto e branco.** Santa Maria: UFSM, 1999, p. 42.

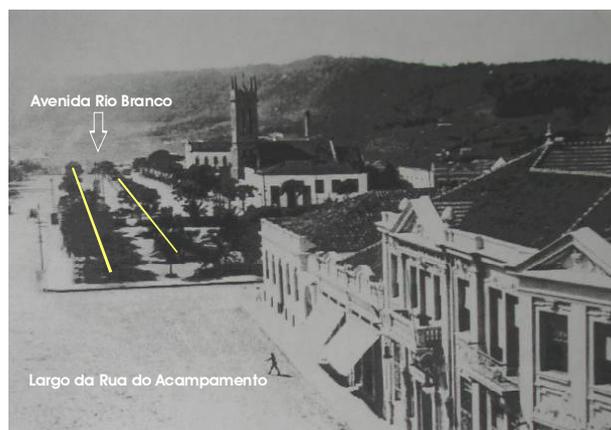


Figura 4: Largo da Rua do Acampamento, 1914. FONTE: BLAYA PEREZ, Carlos. **Santa Maria em preto e branco**. Santa Maria: UFSM, 1999, p. 61.

Atividades como o cinema, o teatro e as sociedades recreativas (Clube Caixeiral, Sociedade União dos Caixeiros Viajantes - SUCV) atraíram a população para a praça. Nesta época, a praça passa a ser o principal centro das relações sociais da comunidade. É nela, ou nas suas proximidades, que ocorrem as paradas militares, os encontros dos enamorados, as decisões políticas e econômicas. Enfim, a praça passa a ser lugar de consumo e também consumo de lugar, pois ao mesmo tempo que é freqüentada para consumir algo (objetos, informações, relacionamentos), ela é consumida por estes usuários.

A saída da igreja católica da praça não propiciou nenhuma diminuição no seu fluxo de usuários. Ao contrário, é neste momento que a praça reforça a sua posição como símbolo da comunidade, passando a integrar-se no cotidiano dos moradores da cidade. Os novos usos e atividades fizeram com que a praça participasse do imaginário da população.

Em 1934, a praça passa por uma grande remodelação, com alteração do traçado e da vegetação. Com esta reforma, a praça recebe um desenho de traçado radial, além da inauguração do chafariz e do coreto, até hoje presentes na praça e tombados como patrimônio histórico pelo município.

Esta nova proposta dá maior ênfase ao entorno, principalmente em relação à Avenida Rio Branco, importante eixo impulsor do desenvolvimento urbano da cidade, e as Rua do Acampamento e Dr. Bozzano, eixos comerciais. O traçado possui simetria somente no eixo longitudinal, sendo que no eixo transversal, no lado oeste, o desenho se rompe justamente para destacar estes três logradouros (observar figura abaixo, linha vermelha). Este novo traçado não se relaciona com os equipamentos ao redor da praça, não fazendo nenhuma espécie de articulação entre eles – espaço público e edificações. Um exemplo é a área situada à frente ao Cinema Independência, em que não há nenhuma proposição diferenciada para este espaço, não havendo relações entre a praça e a edificação, onde poderiam ser exploradas áreas de concentração de público ou espaços de convivência. O Theatro Treze de Maio nesta época já estava desativado, havia sido comprado pela Intendência Municipal e abrigava a sede do jornal Diário do Interior e o Foro. Posteriormente, passou a abrigar a Biblioteca Pública e, atualmente, voltou ao seu antigo uso: teatro.

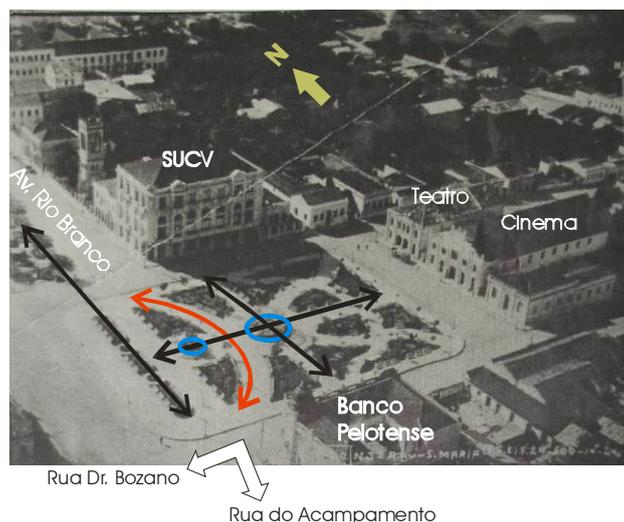


Figura 5: Foto aérea da praça em 1934. Observar o cinema com sua antiga fachada, antes da remodelação. FONTE: BLAYA PEREZ, Carlos. **Santa Maria em preto e branco**. Santa Maria: UFSM, 1999, p. 94.

Nesta época a praça recebeu dois novos elementos construídos, importantes para a construção do imaginário da praça - o coreto e o chafariz. O coreto encontra-se no centro da praça e o chafariz no eixo transversal. Ambos enfatizam a centralidade e as relações sociais entre a população. Segundo relatos, a praça servia de ponto de encontro para os jovens da época, que a utilizavam para seus passeios: as moças circulavam pelo interior da praça, no círculo de menor diâmetro, enquanto os rapazes percorriam o caminho externo.

Na década de 1960, a praça passa novamente por mudanças significativas, iniciando assim o terceiro período. A alteração mais expressiva ocorrida nesta fase é o fechamento dos trechos das ruas Dr. Bozano e Roque Calage, no entorno da praça, prolongando assim as suas dimensões. Tal modificação valorizou a circulação peatonal, bem como os edifícios de uso público. Esta ampliação do passeio público distancia a praça dos veículos automotores ao mesmo tempo em que se aproxima dos pedestres, valorizando a praça para o uso de circulação. Neste momento, a praça já contava com o edifício do Fórum da Comarca (o terreno para a construção do prédio foi doado em 1942 e desativado em 1993, atual Casa de Cultura). A ampliação do passeio público facilitou as relações entre espaço público e espaço privado, ampliando o uso da praça, que passou a ser um prolongamento da área privada.

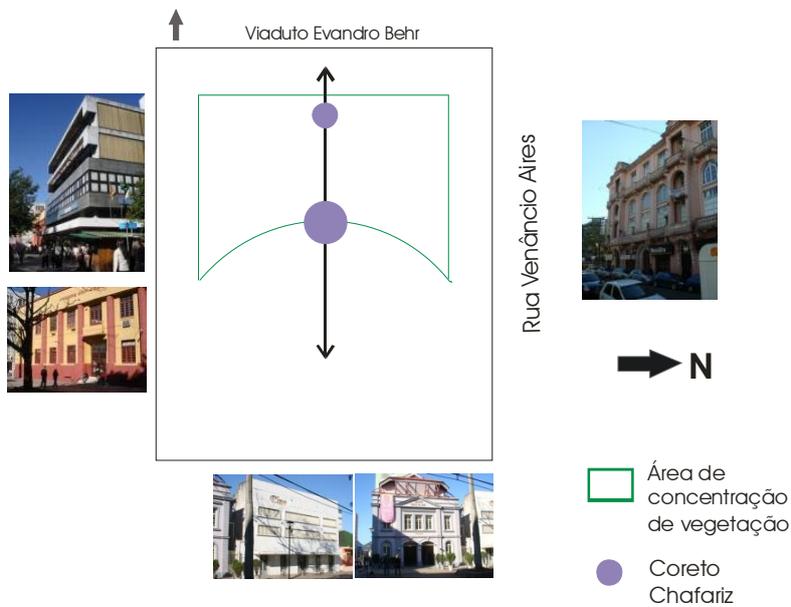


Figura 6: Planta esquemática da atual Praça Saldanha Marinho. FONTE: Desenho da autora

A Praça Saldanha Marinho chega ao período atual destituída de suas funções iniciais. Na década de 1990, o poder público municipal propõe mudanças para a área central da cidade. Além das alterações do traçado da praça, uma significativa obra de melhoria viária ocorreu na sua face oeste. A obra de um túnel, ligando a Avenida Rio Branco à Rua do Acampamento, criou um limite imaginário entre o centro (Calçada da rua Dr. Bozano) e a praça, afastando esta das atividades comerciais. Tal linha imaginária é reforçada pelo comércio informal, que se localiza no alinhamento oeste da praça, aumentando a sensação de barreira gerada pelo viaduto e causando grande poluição visual. As barracas deste comércio impedem as relações visuais para o outro lado do túnel, afastando a praça da área comercial da cidade.



Figura 7: Viaduto Evandro Behr, ao fundo Avenida Rio Branco. FONTE: Foto da autora.



Figura 8: Viaduto Evandro Behr, sentido da Rua do Acampamento. Notar sede do Banco Banrisul, no local ficava a sede do Banco Pelotense. FONTE: Foto da autora.

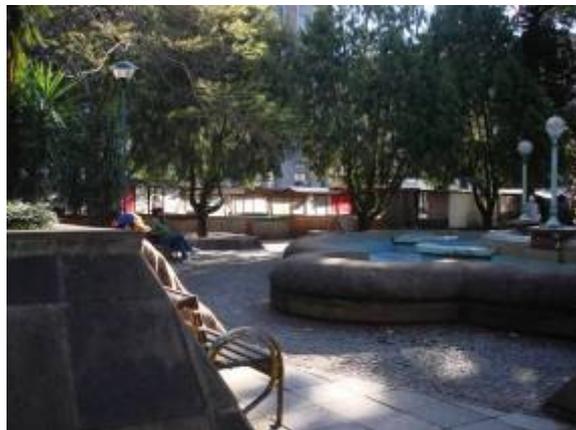


Figura 9: Chafariz da Praça Saldanha Marinho, observar ao fundo as barracas de comércio informal, impedindo as visuais para o túnel Evandro Behr. FONTE: Foto da autora.

Juntamente com a abertura do túnel, mais uma vez a Praça Saldanha Marinho é remodelada, recebendo um desenho contemporâneo. O local foi descaracterizado e a população perdeu parte de sua identificação com a praça. Os canteiros foram elevados, alterando o aspecto visual da praça. O antigo calçamento é substituído pela pedra basalto. A reforma mostrou-se inadequada, as árvores existentes no lado leste da praça foram removidas, causando um aspecto árido e desconfortável. Neste setor é instalado um novo equipamento – uma arena para shows e eventos, com sanitário público, formando um grande largo, próximo às edificações culturais – teatro, cinema e casa de cultura (antigo fórum), na face leste da praça.



Figura 10: Largo da praça, notar coreto ao fundo. Fonte: Foto da autora.

O lado oeste continuou com o chafariz e uma vegetação de grande porte. As árvores, juntamente com as barracas de comércio informal, corroboraram na perda do contato com a parte mais ativa do centro da cidade, o calçadão. A área de sombra proporcionada pela arborização, propícia para o lazer contemplativo, ocorre justamente onde se dá o maior fluxo de pedestres. Isto demonstra que o desenho da praça não está de acordo com seus usos. Ocorre uma inversão no programa relacionado com a forma da praça, onde há uma maior concentração de vegetação é exatamente o lugar em que há o agrupamento mais intenso de pessoas, enquanto que onde se localiza a área seca há uma dispersão na concentração do público.



Figura 11: Sombra proporcionada pelas frondosas árvores, no centro da foto encontra-se o coreto. Fonte: Foto da autora.

O atual projeto da praça é uma tentativa de incentivar as relações sociais e culturais entre o público e o privado, através da criação do largo público, próximo as edificações como o cinema e o teatro. Durante o ano, alguns eventos (Feira do Livro, Santa Maria Vídeo e Cinema) são realizados neste espaço, procurando incitar os costumes da praça e reverter o seu processo de estagnação e de desuso. Entretanto, apesar do estímulo proporcionado pelo traçado, as edificações históricas ao seu redor não correspondem com o mesmo entusiasmo, levando a praça a perder lugar no imaginário da população. A sociedade santa-mariense não se apropriou do

teatro, assim como da Casa de Cultura, não prestigiando estas entidades como se deveria. O Cine Independência encontra-se atualmente desativado. A prefeitura comprou a edificação e pretende recicla-la, instalado nela um shopping popular, através da remoção dos comerciantes informais, situados na Avenida Rio Branco, para o referido local. Além da mudança de uso, a administração municipal pretende recuperar a antiga fachada do prédio, ao invés de manter o edifício com o seu uso cultural.



Figura 12: Área do sanitário público, à frente, ao fundo o Teatro Treze de Maio e no centro o Cine Independência. Fonte: Foto da autora.

A Praça Saldanha Marinho, juntamente com as modificações, perdeu todas as funções que acompanham os lugares tidos por praças. Por exemplo, as passeatas, os desfiles que ocorriam nas ruas lindeiras a praça foram deslocados para outros lugares da cidade. A sua área não se deteriorou, mas perdeu o valor de uso, através das diversas renovações que ocorreram no seu formato. A alta taxa de renovação urbana, em que o destrutivo precede ao construtivo, também colaborou para a perda de função do local, sendo hoje apenas de passagem. A Praça Saldanha Marinho encontra-se esvaziada das suas funções, de suas atividades, ou seja, a praça não é mais consumida.



Figura 13: Batalhão Flores da Cunha, fotografado por ocasião da parada anual em Comemoração à Batalha Tuiuti (24-05-1886). Local: Largo da Rua do Acampamento. Ao fundo, torre da igreja Episcopal, edifício da SUCV, praça Saldanha Marinho e no canto direito, edifício do Banco Pelotense (atual Banrisul). FONTE: BLAYA PEREZ, Carlos. **Santa Maria em preto e branco**. Santa Maria: UFSM, 1999, p. 93.

Até o momento, discutiu-se apenas sobre as faces leste e oeste da Praça Saldanha Marinho. Mas qual a ligação desta com o restante do seu entorno? Na verdade, não há relações entre o espaço público e as edificações históricas. Na face sul, a agência do Banco Banrisul, construída em 1983 no local que abrigava o Banco Pelotense, fechou seus acessos pela praça, colaborando para a diminuição. O prédio da Sociedade União dos Caixeiros Viajantes – SUCV, no lado norte, não merece nenhum destaque no traçado na praça. O edifício ficando escondido pela vegetação de grande porte, que não possibilita a sua visualização por quem transita no interior da praça. Bem como a Catedral, que poderia ter sido valorizada através de eixos visuais, permitindo que antigos símbolos da cidade continuassem presentes na contemporaneidade. Já que o sagrado não faz mais parte da praça fisicamente, poderia estar contemplado com uma imagem real.



Figura 14: Elemento da arena de shows, ao fundo, o edifício da SUCV, escondido pela vegetação, e a torre da Catedral. FONTE: Foto da autora.

CONCLUSÃO

A Praça Saldanha Marinho perdeu sua importância no imaginário da população santa-mariense, como um local com centralidade urbana e articulador das imagens do passado e do futuro. Atualmente, a praça atua apenas como lugar de passagem, não tendo mais a função de agregar a comunidade. O processo de abandono do espaço público, bem como das edificações históricas no seu entorno, faz com que a praça não seja percebida pela população como um local de convívio.

Nas análises realizadas, percebe-se claramente que o espaço público não se integra e também não é o agente integrador dos espaços privados do entorno. Junte-se a isto, a falta de símbolos, tem-se então uma praça esvaziada de significados, um lugar público que a sua população não mais consome.

Para reverter este quadro de abandono, a praça necessita recuperar suas antigas imagens e a construir novas, através de estratégias de desenvolvimento, incluindo não apenas as funções tradicionalmente incentivadas nos planos de renovação, tais como atividades administrativas, financeiras e de prestação de serviços, mas, também, o comércio especializado, a recreação e o lazer, a habitação e o turismo cultural. Entretanto, não somente a função trará de volta a animação

para o local. A forma do seu desenho urbano contribuiu para o seu estado de degradação, ao não fazer as devidas relações com seu entorno, e agora deve dar uma resposta para este quadro, através da articulação dos fragmentos históricos, seja pelo tratamento físico do espaço ou a exploração das visuais do patrimônio histórico.

Nesta recuperação, o traçado da praça é importante para conectar seus espaços e assim possibilitar novos usos ao lugar. Pelas análises, percebeu-se que seu desenho urbano não contribuiu para o seu desempenho como local centralizador de atividades. A aura da praça foi perdida após várias renovações, que não consideram as possibilidades do espaço, através das contribuições do seu patrimônio e da sua memória coletiva. A administração municipal deveria estimular programas de uso coletivo do espaço público – recuperando assim este como espaço de convívio – relacionando a forma e a função do espaço público com a história do lugar.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Betina. **Preservação urbana: gestão e resgate de uma história**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.
- BARTALINI, Vladimir. **Praça: a forma mais que difícil**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq086/arq086_00.asp>. Acesso em: 20 de julho de 2007.
- BLAYA PEREZ, Carlos. **Santa Maria em preto e branco**. Santa Maria: UFSM, 1999.
- HASSENPFUG, Dieter. **Sobre centralidade urbana**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_00.asp>. Acesso em: 20 de julho de 2007.
- MARCHIORI, Jose Newton Cardoso. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: UFSM, 1997.
- OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- RECHIA, Aristilda. **Santa Maria: panorama histórico-cultural**. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.
- RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Forma, imagem e significado em estruturas urbanas centrais**. São Paulo: Pró Editores Associados, 2005.